

# **Relações de Poder Dentro e Fora do Cativoiro: apadrinhamento como forma de angariar poder na Vila de Viamão no século XVIII.**

Alves dos Reis, Carlos Henrique.

Cita:

Alves dos Reis, Carlos Henrique (2017). *Relações de Poder Dentro e Fora do Cativoiro: apadrinhamento como forma de angariar poder na Vila de Viamão no século XVIII*. XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-019/223>

**Mesa 41. Categorias etno-raciales, mecanismos jurídicos y procesos de dominación y resistencia. De la Colonia a las Repúblicas decimonónicas.**

“PARA PUBLICAR EM ACTAS”

**Relações de Poder Dentro e Fora do Cativo:  
apadrinhamento como forma de angariar poder na Vila de Viamão no  
século XVIII**

Carlos Henrique Alves dos Reis<sup>1</sup>

**Introdução**

A seguinte pesquisa, a partir da análise de fontes oriundas do livro de batismo da igreja da freguesia de Viamão, século XVIII, buscou analisar as estratégias para obtenção da liberdade ou melhoria de vida nas relações sociais entre negros escravizados e libertos, seguindo a hipótese da utilização do apadrinhamento como forma de estender os laços de parentesco espiritual, dentro e fora do cativo.

Foi observado que o significado do compadrio para os cativos, ultrapassava a dimensão meramente religiosa, adquirindo inúmeras funções sociais, que iam desde o forjamento de alianças e amizades até a busca pela liberdade e de ascensão social. Em certa medida, o apadrinhamento também garantia a paz e reduzia as diferenças entre o padrinho e o apadrinhado.

A freguesia de Viamão foi fundada em 1747, tendo sido povoada por migrações vindas das Lagunas, especialmente a elite daquela localidade, a partir do estabelecimento de propriedades agrárias. Graças a ocupação espanhola em Rio Grande, a Câmara daquela região deslocou-se para Viamão, permanecendo ali até sua transposição para Porto Alegre, em 1773. Viamão recebeu também a provedoria da Fazenda, além de outras instituições oficiais.

Partindo dos registros paroquiais do arquivo da Cúria metropolitana em Porto Alegre, foi criado um Banco de Dados na plataforma FileMaker, que possibilitou relacionar dados de diferentes tabelas, organizando-os de forma ordenada, além de permitir a adição de novos elementos a partir de novas leituras. Foram coletados uma grande quantidade de registros batismais, que por sua vez tiveram seus dados separados e organizados em campos estáticos, um para cada informação. São informações as quais não se repetem. Procedimentos necessários para que não se perdesse a riqueza dos dados.

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade de Brasília – UnB (Brasil)

O trabalho proposto aponta para a grande importância que tinham os escravos e os libertos no funcionamento econômico social daquela região. Fornecendo uma análise mais profunda sobre o protagonismo desses personagens, tendo em vista algumas de suas estratégias.

Por fim, a compreensão dessas relações que permeiam o Antigo Regime possibilita uma reflexão mais crítica a respeito da posição passiva que os negros escravizados, assim como os que obtiveram sua liberdade, são postos frente a uma historiografia tradicional.

## **Contexto em Viamão:**

Região inicialmente conhecida como Campos de Viamão, abrangia uma enorme área, no nordeste do atual Rio Grande do Sul. Os campos correspondiam às terras situadas ao sul do rio Mampituba, tendo ao leste o Oceano Atlântico, e a oeste e a sul a baliza fluvial do Guaíba e da Lagoa dos Patos. Para os paulistas e lagunistas que exploraram o Rio Grande a partir do “Caminho da Praia” os campos eram todas as planícies despovoadas à margem esquerda do Rio de São Pedro.

Graças as motivações econômicas, derivadas da descoberta de exploração das Minas Gerais, e principalmente as necessidades de abastecimento e transporte, que provocaram a integração do sul ao mercado interno colonial. A grande atração dos campos de Viamão consistiam nas grandes reservas de gado bovino. Em 1727 se é ordenado pelo capitão-geral de São Paulo a abertura das estradas de Laguna, ligando os campos do Rio Grande aos de Curitiba, possibilitando a subida das tropas de gado. Dessa maneira, feita a abertura das estradas através do planalto para São Paulo via Curitiba e Sorocaba (1727-1732) possibilitou à capitania a fornecer bovinos, equinos e muare para as comunidades urbanas mineradoras de Minas Gerais, iniciando, com os tropeiros, a integração dos campos de Viamão com as regiões mineradoras do sudeste colonial.<sup>2</sup>

Os animais produzidos por este imenso espaço, no qual se incluíam a Fronteira do Rio Pardo, os Campos de Montevideo, o Triunfo, o Viamão e Santo Antonio da Patrulha, eram escoados pela rota que se afinava em São Francisco de Paulo de Cima da Serra. Até ali havia uma diversidade de caminhos possíveis, dentre as muitas regiões. Até onde pude explorar, havia duas possibilidades de subir a serra em direção à São Francisco, uma pelo vale do Rio Rolante, próxima à Patrulha e outra pelo vale do Rio da Ilha, na direção norte da Freguesia dos Anjos. Ruben Neis destaca o caminho do Rolante, que interligava a localidade de Santo Antonio da Patrulha, junto à Viamão, e São Francisco.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup>KÜHN, Fábio. *A fronteira em movimento: relações luso-castelhanas na segunda metade do século XVIII*. PUCRS. 1999. P.07.

<sup>3</sup>GIL, Tiago Luís. *Coisas do caminho – Tropeiros e seus negócios do Viamão à Sorocaba (1780-1810)*. Tese de doutorado – Rio de Janeiro. 2009. P.81.

A partir de 1732, O Rio Grande de São Pedro (como era conhecido o Rio Grande do Sul) passou a atrair colonizadores que se radicaram na região de Viamão.<sup>4</sup> A primeira povoação neste território se iniciou a partir do estabelecimento de propriedades agrárias na década de 1730, compostos por migrações vindas da Laguna, especialmente por parte da elite daquela localidade.<sup>5</sup> Houve um considerável crescimento no povoamento de Viamão em finais da década de 1740 e princípio de 1750, quando o número de fogos mais do que dobrou, alterando de forma substancial o padrão demográfico daquela região. No ponto de vista de Fabio Kühn:

Vários motivos podem ter contribuído para que a região se tornasse atraente aos olhos de muitos povoadores nessa conjuntura: o relativo esvaziamento econômico de laguna, que provocou a migração de alguns de seus moradores para Viamão; a fundação da vila de Rio Grande em 1737, ponto de referência para a população portuguesa residente em Viamão, que para lá se deslocava para batizar seus filhos, por exemplo; ou ainda a própria dinâmica econômica da região, cada vez mais integrada aos mercados consumidores de gado do Sudeste brasileiro.<sup>6</sup>

A freguesia de Viamão foi fundada oficialmente em 1747. Chegou a receber a provedoria da Fazenda, e outras instituições oficiais. Além de Porto Alegre, a população de Viamão originou cidades como Santo Amaro, Triunfo, Rio Pardo, Taquari e as cidades do litoral norte.<sup>7</sup> Um dos estudos levantado por Kühn, sobre o estrato social encontrado em Viamão na sua fase inicial já apontava para um surpreendente número elevado de povos escravizados. Em seu levantamento, após duas décadas do início do seu povoamento, a freguesia de Viamão contava com mais de 42% de sua população sendo cativa de origem africana e 3% sendo cativos de origem indígena. Uma população cativa elevada, semelhante as zonas mineradoras ou de plantation.<sup>8</sup>

O passado escravista deixou de ser compreendido apenas pela lógica de plantatin agro-exportadora, abrindo espaço para melhor compreender o funcionamento social em regiões que não segue essa estrutura econômica. Segundo o autor:

[...] em 74 dos fogos analisados (62%), havia cativos, indicando uma grande dispersão do padrão de posse de escravos. Isso também se reflete na relativa baixa posse média de cativos por fogo, equivalente a quatro escravos por unidade doméstica (considerando-se o conjunto de fogos em que havia trabalhadores servís). O levantamento paroquial de 1751 permite assim entender uma sociedade fortemente dependente da mão-de-obra cativa, especialmente africana.<sup>9</sup>

Por todo o século XVIII, Viamão contava basicamente com uma pequena economia agro-pastoril voltada para o mercado interno. Porém, como foi apontado

---

<sup>4</sup><http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/viamao.pdf>

<sup>5</sup> SIRTORI, Bruna. GIL, Tiago Luís. *A Geografia Do Compadrio Cativo: Viamão, Continente do Rio Grande De São Pedro, 1771-1795*. P.1.

<sup>6</sup>KÜHN, Gente da fronteira. *Família, sociedade e poder no sul da América Portuguesa - século XVIII*. UFF, Niterói, 2006. P.104.

<sup>7</sup><http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/viamao.pdf>

<sup>8</sup>KÜHN, Fábio. *Op. Cit.*, 2006. P.110.

<sup>9</sup>KÜHN, Fábio. *Op. Cit.*, 2006. P.111.

anteriormente, Viamão contava com um alto número de cativos, o que não pode ser explicado apenas pelo baixo preço dessa mão de obra. Kühn demonstra que a população cativa estava presente nos campos de Viamão de maneira precoce, ou seja, os imigrantes que ali se fixaram não tinham tido tempo de acumular capital inicial para a compra de escravizados, mas importaram as estruturas peculiares dos seus locais de origem, “modus vivendi”<sup>10</sup>, como se refere o autor. É importante ressaltar que existe um custo para a manutenção dessa estrutura escravista, como por exemplo a compra de roupas e de alimentos para os escravizados, o que faz necessário uma lucratividade mínima por parte dos senhores. Contudo, de acordo com a historiografia da região, havia ali, nas mãos dos fazendeiros, uma estrutura econômica capaz de cobrir esses gastos, mantendo pelo menos o mínimo.

Em 1763, a cidade recebeu o governo do Rio Grande do Sul, que tinha a sede na Vila do Rio Grande, e que transferiu devido à invasão do estado pelos espanhóis. Viamão se conservou sede do governo até 1773. Nesta época, a sede foi transferida para Porto dos Casais (atual Porto Alegre).

## Apadrinhamento

Por muito tempo, a historiografia definiu a escravidão a partir de uma visão positivista, que não considerava a abertura para negociações entre senhores e escravos e enfatizava as práticas de violência que resultavam na acomodação da população escravizada. De fato, a escravidão foi muito tenebrosa, mas não foi uma relação de uma única via, na qual o senhor mandava e o escravo obedecia. Muitos estudos historiográficos têm revelado novas vertentes para a escravidão negra na América portuguesa.

A seguinte pesquisa aponta para a importância que tinham os povos escravizados e alforriados para funcionamento econômico social na freguesia de Viamão. Fornecendo uma análise mais profunda sobre o protagonismo desses personagens, tendo em vista algumas de suas estratégias. Foi observado que a utilização do rito do compadrio transcende seu significado religioso, adquirindo inúmeras funções sociais, que iam desde o forjamento de alianças e amizades até a buscando da liberdade.

Para uma melhor percepção do ato do batismo, há a necessidade de uma compreensão mais profunda sobre sua importância, assim como o seu significado dentro de uma sociedade regida pelo cristianismo. Se os pais carnis traziam a criança ao mundo, os compadres a conduziam à graça de Deus. O complexo do compadrio estabelecia, portanto, elos profundos e espirituais. Tratava-se da conexão do mundo carnal da criança com o mundo espiritual, sendo os padrinhos pessoas de carne e osso que mediavam a relação entre o conjunto do nascimento (pai, mãe e filho) e o Reino de Deus.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> KÜHN, Fábio. *Op. Cit.*, 2006. P.111 e 130.

<sup>11</sup>HAMEISTER, Martha Daisson. *Para dar calor à nova povoação: estudo sobre estratégias sociais e familiares a partir de registros batismais da Vila do Rio Grande (1738-1763)*. Tese de Doutorado – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do rio de Janeiro, 2006, p. 206.

O compadrio instituído no batismo também era comumente utilizado com finalidades sociais, veículo de estratégias, tanto dentro quanto fora da senzala. Tratando-se de uma sociedade marcada pela escravidão, como ofoco dessa pesquisa, apesar de os escravizados passarem a integrar a comunidade dos cristãos após o batismo, se constata que o sacramento ia além, comportando uma aliança hierárquica entre senhor e escravizado. Segundo Cacilda Machado:

(...)a despeito disso a instituição não deixava de se constituir em uma aliança hierárquica, já que muito raramente um escravo era padrinho ou madrinha de uma criança livre, e os cativos tendiam a preferir madrinhas e, especialmente, padrinhos forros ou livres para seus filhos, sobretudo os cativos de unidades escravistas de pequeno porte.<sup>12</sup>

O parentesco espiritual sacramentado com o ritual de batismo revela-se como um importante fenômeno para se compreender a escravidão na América lusa. Tornou-se uma ferramenta bastante utilizada pelos povos escravizados para o estabelecimento de relações sociais e na luta pela “reconstrução” de suas vidas. Dentre os sentidos visados pelos escravizados, ao se utilizarem estrategicamente do apadrinhamento, destacava-se seu objetivo principal: a obtenção da liberdade para si e seus familiares. A alforria na pia batismal de escravizados recém-nascidos era relativamente comum ao longo de todo período escravista.<sup>13</sup> Um outro aspecto dessa relação é de que o apadrinhamento entre o senhor e o cativo, em uma perspectiva vertical, resultava, frequentemente, em uma aliança capaz de diminuir suas diferenças. De acordo com Cacilda Machado:

(...) a casa de um compadre passava à condição de território amigo, ou familiar, onde o outro compadre e sua família (escravos ou não) teriam trânsito livre. Dessa perspectiva, o parentesco ritual com membros de famílias escravistas permitia a cativos, forros e a pardos e negros livres a comunicação e a convivência com a escravaria e os agregados das casas senhoriais, muitos deles seus parentes.<sup>14</sup>

Para cunho jurídico, o registro de batismo ganhava uma importância ainda maior, pois para o senhor tal documento poderia servir como prova da propriedade de filhos de seus escravizados, enquanto para a outra ponta, dada a alforria na pia batismal, esse documento servia como prova desse ato. Nesse sentido, tudo indica que o assento de batismo que registrava uma alforria equivalia, ou até mesmo substituíria, uma carta de liberdade passada ou não em cartório.<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup>MACHADO, Cacilda. *A Trama Das Vontades - Negros, Pardos E Brancos Na Construção Da Hierarquia Social Do Brasil Escravista*. Rio De Janeiro: Apicuri, 2008. P. 290.

<sup>13</sup>GUEDES, Roberto. FRAGOSO, João. *História Social em Registros Paroquiais [Sul-Sudeste do Brasil, século XVIII-XIX]*. Rio de Janeiro, Mauad X, 2016. P. 11.

<sup>14</sup>MACHADO, Cacilda. *Op. Cit.* 2008. P. 354.

<sup>15</sup>GUEDES, Roberto. FRAGOSO, João. *Op. Cit.* 2016. P. 12.

De acordo com Roberto Guedes e João Fragoso, a presença de testemunhas nos atos de batismo marcado pela alforrias dos batizando foi se tornando cada vez mais comum. Afirmam:

Pode-se imaginar que essa presença de testemunhas reforçava o caráter “oficial” do assento, ao tornar a concessão da alforria pública e notória na comunidade local. É igualmente plausível creditar a participação de testemunhas ao desejo dos proprietários de compartilhar o seu ato de compaixão com um elenco expandido de personagens – afinal, de modo geral, havia um par de padrinhos a fazer parte do ato sacramental. Aliás, a notoriedade talvez fosse aumentada pela frequente presença de clérigos, tanto como padrinhos, quanto como testemunhas. Ao mesmo tempo, nos parece bem provável que todo esse esforço de tornar a concessão de alforria amplamente pública fizesse parte de uma espécie de rito de cunho paternalista, no qual cabia aos senhores se vangloriarem de suas benesses e à comunidade conhecer as mesmas.<sup>16</sup>

Quanto mais provas se pudesse ter quanto a alforria concedida, melhor seria para aquele que a recebesse, pois era bastante frequente a contestação dessa liberdade por parte dos herdeiros. Partindo dessa análise, em uma sociedade na qual as leis não estavam devidamente expressa em um livro, no sentido que temos hoje, era de suma importância que a liberdade desses indivíduos fosse de conhecimento comum daquela comunidade, pois assim tornava-se diminuta as chances de uma possível contestação da alforria.

Em uma sociedade hostil; escravista, os povos escravizados resistiram e essa resistência não era apenas vinculada à violência, havia também resistência num sentido mais ideológico, isto é, era uma negociação verbalizada, onde a prática do apadrinhamento surge como estratégia de melhoria da sua vida e de seus familiares.

Partindo dos registros paroquiais do arquivo da Cúria metropolitana em Porto Alegre, foi criado um Banco de Dados na plataforma FileMaker, que possibilitou relacionar dados de diferentes tabelas, organizando-os de forma ordenada, além de permitir a adição de novos elementos a partir de novas leituras. O FileMaker (figura 1) funciona como um banco de dados relacional comum, além de ter interface gráfica que facilita a modelagem e manipulação de dados. Um banco de dados (em inglês, database) é um local onde é possível armazenar dados de maneira estruturada e com a menor redundância possível. Como observou Tiago Luís Gil, “Um banco de dados é quase uma forma de narrativa histórica. Ele obedece, perfeita ou imperfeitamente, aos preceitos e às concepções de mundo (e, dentro desses, das opiniões sobre o problema de pesquisa) do pesquisador.<sup>17</sup>”

---

<sup>16</sup> GUEDES, Roberto. FRAGOSO, João. *Op. Cit.* 2016. P. 18 e 19.

<sup>17</sup> GIL, Tiago Luís. *Como se faz um banco de dados (em História)*. Porto Alegre: Ladeira Livros, 2015. P.11.

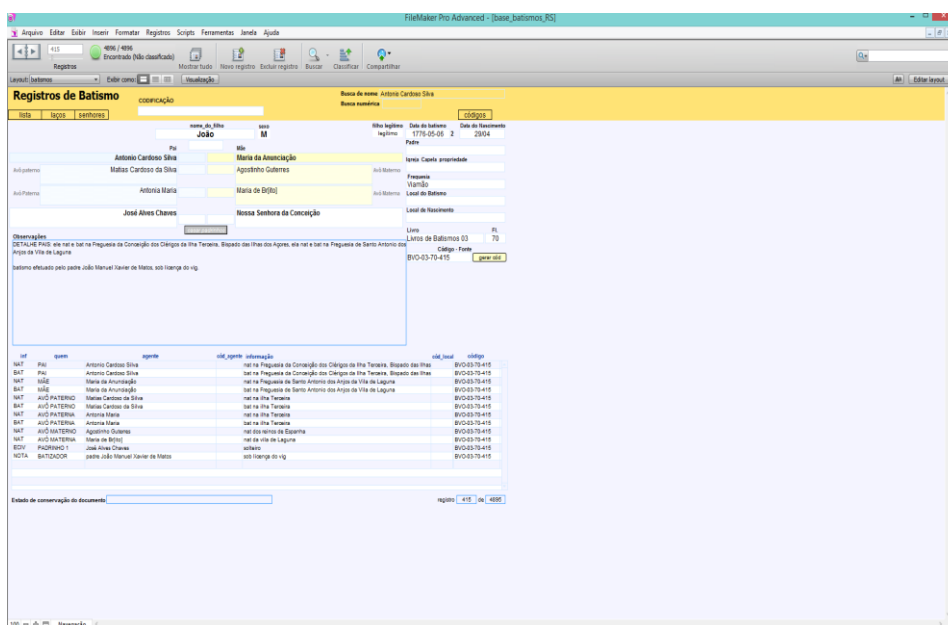


Figura 1 - Plataforma FileMaker - Registros de Batismos

Foram eleitos os registros batismais da localidade Viamão como corpus documental principal para esta pesquisa. Foram coletados uma quantidade expressiva de registros batismais, que por sua vez tiveram seus dados separados e organizados em campos estáticos, um para cada informação. São informações as quais não se repetem. Procedimentos necessários para que não se perdesse a riqueza dos dados.

Entre os anos de 1769 e 1788 foram coletados e analisados 1198 assentos batismais na freguesia de Viamão. A partir desses dados, foi possível montar um gráfico capaz de demonstrar a relação de batismos em diferentes período, como pode ser observado na figura abaixo (Figura 1). O gráfico demonstra que os três primeiros anos analisados foi quando se observou um grande crescimento no número de batismo partindo de um pouco mais de 20 batismos em 1769 e alcançando o patamar de 90 batismos em 1771. Porém, haverá uma queda bastante expressiva nos dois anos seguintes. Os números de batismos variam bastante por todo esse período, alcançando um pico em 1788, ano final dessa análise.



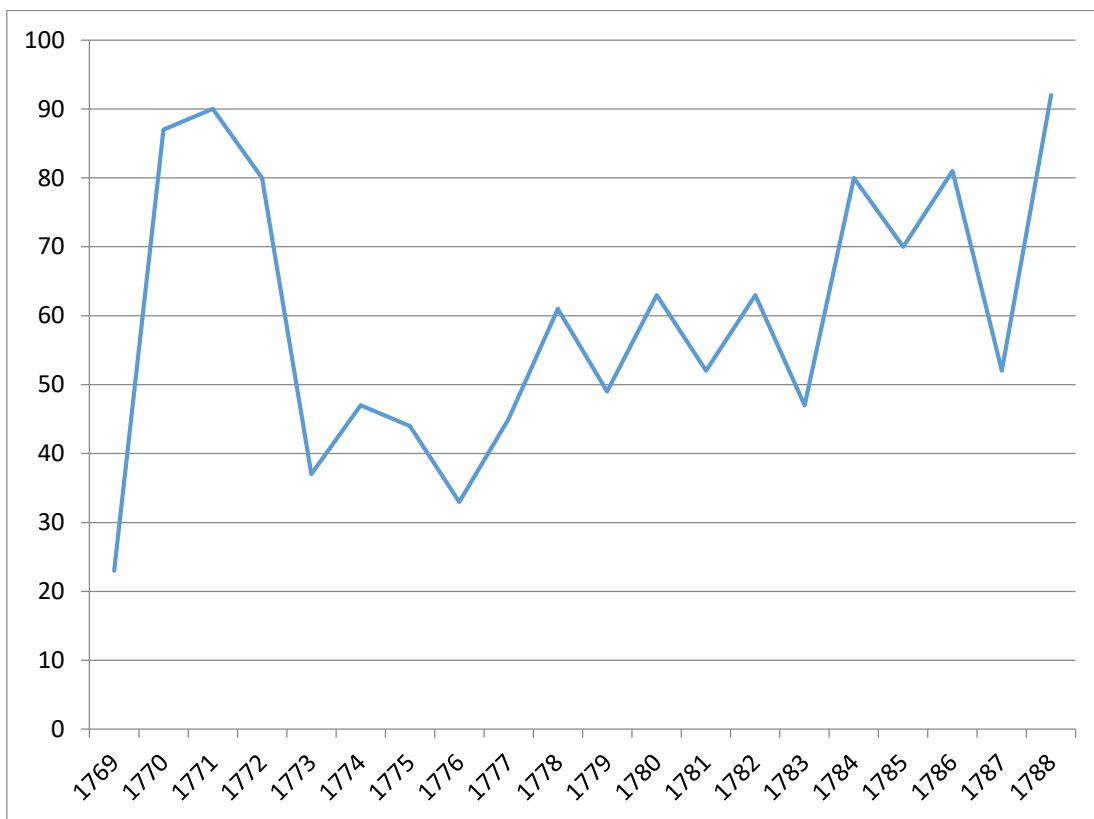


Figura 2 - Total de Batismos na freguesia de Viamão (1769-1788).

Com pode ser observado a baixo, na figura 3, temos um gráfico que aponta o grau de participação dos escravos nos assentos de batismo em Viamão no período proposto. Haverá uma maior participação de escravizados nos assentos de batismos nos anos de 1772 e 1772, sendo mais expressiva a presença feminina. Deve-se observar, também, a ausente participação de escravizados em boa parte dos anos. Uma das possíveis explicações para esse fato pode ser por questão de interesse de quem buscava o apadrinhamento, dando preferência para padrinhos livres, ou pela simples falta de registro.

Mesmo trabalhando com uma mostra pequena, os dados fornecem algumas outras informações como por exemplo o número de batizado de um período pode revelar a natalidade de um região – tanto de livres quanto de escravizados – já que era de costume batizar a criança no ato de seu nascimento. Em uma perspectiva vertical, podemos concluir que existia um certo paternalismo por parte do senhor ao apadrinhar um escravizado. Todavia, existia um grau de autonomia por parte dos escravizados que o permitia escolher os padrinhos de seus filhos. Essas relações se estabeleciam de acordo com os interesses ali presente. Como vimos, esse parentesco espiritual, sacramentado através do batismo, podia resultar na alforria da criança batizada além de fornecer alguns “privilégios” como por exemplo, a circulação na casa do senhor e até um certo reconhecimento frente aquela sociedade.

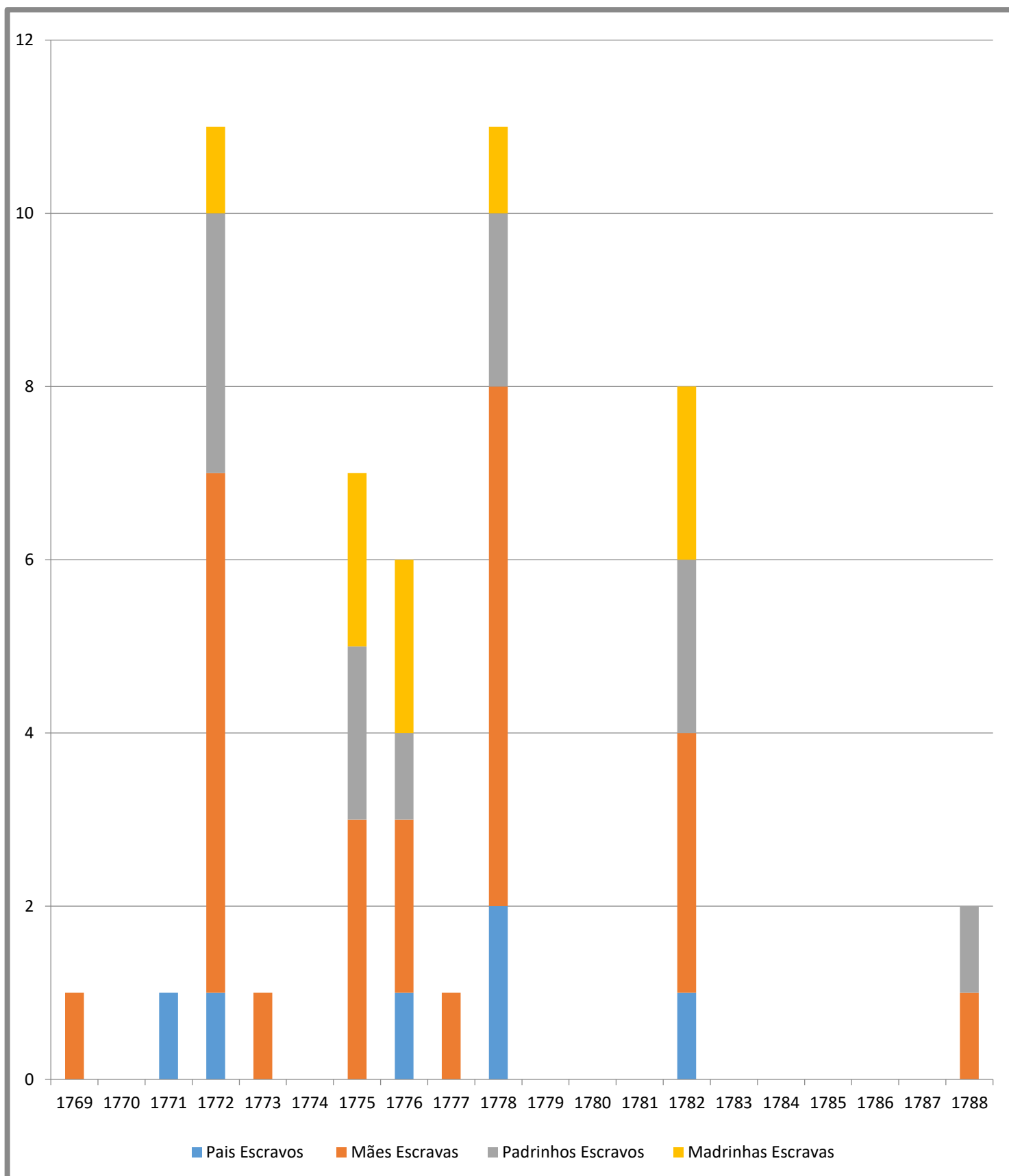


Figura 3 - Participação dos escravos nos assentos de batismos em diferentes período na freguesia de Viamão (1769-1788).

## **Bibliografia**

GUEDES, Roberto. FRAGOSO, João. História Social em Registros Paroquiais [Sul-Sudeste do Brasil, século XVIII-XIX]. Rio de Janeiro, Mauad X, 2016.

GIL, Tiago Luís. Como se faz um banco de dados (em História). Porto Alegre: Ladeira Livros, 2015.

GIL, Tiago Luís. Coisas do caminho – Tropeiros e seus negócio do Viamão à Sorocaba (1780-1810). Tese de doutorado – Rio de Janeiro. 2009.

HAMEISTER, Martha Daisson. Para dar calor à nova povoação: estudo sobre estratégias sociais e familiares a partir de registros batismais da Vila do Rio Grande (1738-1763). Tese de Doutorado – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal do rio de Janeiro, 2006.

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/riograndedosul/viamao.pdf>

KÜHN, Fábio. A fronteira em movimento: relações luso-castelhanas na segunda metade do século XVIII. PUCRS. 1999.

KÜHN, Gente da fronteira. Família, sociedade e poder no sul da América Portuguesa - século XVIII. UFF, Niterói, 2006.

MACHADO, Cacilda. A Trama Das Vontades - Negros, Pardos E Brancos Na Construção Da Hierarquia Social Do Brasil Escravista. Rio De Janeiro: Apicuri, 2008.

SIRTORI, Bruna. GIL, Tiago Luís. A Geografia Do Compadrio Cativo: Viamão, Continente do Rio Grande De São Pedro, 1771-1795.

## **Fontes**

Registros Paroquiais Do Arquivo Da Cúria Metropolitano De Porto Alegre